



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL**

LILIAN MARIA BARBOSA DE OLIVEIRA

ÁUDIO, VISUAL

FORTALEZA – CE

2016

LILIAN MARIA BARBOSA DE OLIVEIRA

ÁUDIO, VISUAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Cinema e
Audiovisual da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para obtenção
do Título de Bacharel em Cinema e
Audiovisual.

Orientadora: Prof. Me. Cristiana Parente

FORTALEZA-CE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48Á Oliveira, Lilian Maria Barbosa de.
Áudio, visual / Lilian Maria Barbosa de Oliveira. – 2016.
29 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2016.
Orientação: Profa. Ma. Cristiana de Souza Parente.

1. Audiovisual. 2. Surdos. 3. Acessibilidade. I. Título.

CDD 791.4

LILIAN MARIA BARBOSA DE OLIVEIRA

ÁUDIO, VISUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Cristiana Parente (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Daniela Dumaresq
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Vanda Leitão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Lídia Rodrigues por seu esforço em garantir que eu chegasse até aqui, mesmo com todas as dificuldades da vida e por seu apoio para que eu siga estudando e fazendo aquilo que gosto e me faz feliz.

Ao meu namorado e amigo, Abelardo Arrais por seu incentivo e por acreditar que sou capaz.

À minha orientadora Cristiana Parente, por sua atenção e gentileza em dedicar toda a ajuda possível para que esse trabalho se concretizasse.

À Daniela Dumaresq por ter me auxiliado na decisão pelo documentário e pelas conversas iniciais do projeto.

À toda a equipe que esteve comigo na realização desse documentário e aos que contribuíram de alguma forma para que ele se tornasse realidade.

Às professoras Vanda Leitão e Daniela Dumaresq por aceitarem participar desta banca, contribuindo com seus conhecimentos para a minha formação.

RESUMO

Este Memorial traz o relato do processo de desenvolvimento do projeto de realização do documentário “Áudio, Visual” desde o início da pesquisa sobre a cultura surda até a conclusão da obra fílmica com a montagem. Todo o percurso a partir da escolha pelo tema, passando pela mudança do trabalho monográfico para a realização cinematográfica e as questões que envolvem essa produção, é descrito aqui. O documentário tem por objetivo falar sobre acessibilidade para surdos no audiovisual (TV, Cinema, Internet) e entender como é a relação deles com esses meios. Estimular a partir disso uma discussão a respeito.

Palavras-chave: Audiovisual 1. Surdos 2. Acessibilidade 3.

ABSTRACT

This memoria brings the reports of the development process of film making project of the documentary "Audio, Visual" from the begin of the research about the deaf culture to the conclusion of the filmic piece with the montage. All the route from the theme's choice, going trough the change of the monographic work to the film realization and the questions envolving this production, is described here. The documentary has the goal to talk about the accessibility to deaf people on the audio-visual world (television, films, internet) and understand how is the relationship they have with these networks. Estimulate from that a discussion about this.

Keywords: Audio-visual 1. Deafs 2. Accessibility 3.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Acessibilidade no audiovisual	14
3. Sobre o documentário	19
4. Pesquisa de personagens e gravações	22
5. Montagem	24
6. Conclusão	27
7. Referências bibliográficas	29
8. Filmes de referência	30

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo explicar os motivos que me levam a querer falar sobre a relação dos surdos com os produtos audiovisuais levando em consideração as questões de acessibilidade, da forma que escolhi para abordá-lo e relatar um pouco da experiência vivida durante os meses de concepção e desenvolvimento da obra.

O meu interesse pela Cultura surda surgiu no início do ano de dois mil e quinze, quando me matriculei no curso de Libras do Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará (Creaece). Sempre tive vontade de aprender a Língua Brasileira de Sinais por curiosidade mesmo, por achar interessante a possibilidade de se comunicar apenas com as mãos, sem emitir qualquer som. Assim, o curso começou e aos poucos fui aprendendo o alfabeto, números e sinais de palavras, e descobrindo o que é o mundo surdo. Foi a primeira vez que tive contato de fato com alguém surdo¹ e consegui compreender um pouco a respeito.

Já na primeira aula, somos “batizados”; ganhamos um sinal para nos identificarmos dentro da comunidade surda. Nesse primeiro módulo tinha uma professora, Joana. Ela veio até mim, como fez com todos da turma, me observou, eu estava com os cabelos soltos, então ela fez um sinal que remetia ao ondulado do cabelo, perguntou se gostei e eu afirmei com a cabeça. Tenho um sinal! Sou oficialmente registrada na comunidade surda! Os sinais funcionam como apelidos para nós, eles são baseados em características físicas porque é algo que os surdos logo associam à pessoa.

No primeiro dia também aprendi que os surdos nos chamam de ouvintes. E a todo o momento existem comparações entre surdos e ouvintes; como agem, como lidam com as pessoas e também como tudo é mais fácil para o ouvinte “*porque o mundo foi pensado para ele*”. E por esse motivo, alguns surdos veem os ouvintes de uma forma negativa, baseada na forma como são tratados por eles, por desconhecimento, falta de atenção ou de interesse. Os surdos são muito visuais e por isso acabam percebendo bem mais do que nós quando se trata de nossas expressões faciais, do nosso modo de gesticular, e não nos damos conta de que isso pode passar uma mensagem errada às

¹ Na realidade, eu já havia tido contato com um surdo, mas ele parecia não ter essa consciência de uma identidade surda, muito provavelmente porque a família não entendia. Ele era o “mudinho” do bairro (ainda é, mas não para mim, pois hoje minha concepção é outra). Por isso não o considero como um primeiro contato porque nós não tínhamos uma língua em comum. Ele gesticulava apenas e nós entendíamos muito pouco do que queria realmente dizer.

vezes. Isso piora quando ouvimos as histórias de vida de algumas pessoas surdas, muitas vezes violentadas em suas próprias casas por seus parentes, por não perceberem as suas necessidades e anseios. Dessa forma, compreendemos que o que eles sentem tem um motivo.

Situações assim fazem parecer que todos os ouvintes são iguais, mas aos poucos, com o passar do tempo, a realidade se mostra diferente e a confiança volta a existir. Acho importante relatar um pouco disso que vivi no curso porque muitos não sabem e não compreendem por que os surdos queiram se manter afastados e me impactou ver relatos como esse. De certa forma, essa relação conflituosa é um dos pontos que gostaria de transformar com a minha pesquisa e o meu trabalho. O trabalho em si pode parecer pequeno para mudar toda essa realidade, mas a minha relação com pessoas surdas e principalmente a minha aproximação, ajuda a desfazer vários mal-entendidos no sentido de que esse contato possibilita uma troca de vivências, deles nesse mundo ouvinte e minha na comunidade surda, gerando uma compreensão maior de ambas as partes no que diz respeito às dificuldades enfrentadas na convivência diária desses dois mundos de línguas distintas que existem simultaneamente.

Algum tempo após iniciado o curso eu já imergira nessa nova cultura e passava a dedicar algum tempo pesquisando mais a respeito para tentar entender quais eram as questões do povo surdo e porque se constituem dessa maneira. Os surdos compõem uma comunidade a parte, porque têm sua própria língua, sua própria maneira de aprender as coisas e de ver o mundo, sua própria cultura. E falta a nós ouvintes, essa compreensão das diferenças e o respeito às particularidades desse povo.

Assim, no mesmo semestre, logo iniciou a disciplina de Elaboração de projetos de pesquisa e o que antes era uma dúvida a respeito do meu trabalho de conclusão de curso, passou a ser uma certeza de que eu tinha descoberto o tema que queria trabalhar. Eu queria aprofundar as pesquisas sobre o universo surdo e junto a isso melhorar meu aprendizado da Língua de sinais para ter propriedade sobre o assunto e poder me relacionar com pessoas surdas em momentos oportunos. Nesse processo foi fundamental a leitura de **O Voo da gaivota** (1994), um livro autobiográfico considerado *Best-seller*, escrito por Emmanuelle Laborit, uma jovem surda francesa, o qual encontrei o título nas referências da dissertação em Educação **Voando com gaivotas: Um Estudo das interações na Educação de surdos** (SOUZA, Margarida, 2008) disponível online

na Biblioteca da Universidade Federal do Ceará. Essa dissertação também me esclareceu bastante a respeito das percepções de pessoas surdas em relação ao mundo.

A partir dessa leitura, encontrei outras referências² que foram me ajudando a conhecer o meu objeto de interesse e a definir o que gostaria ou não de abordar no trabalho final. Foi a partir dessa dissertação, por exemplo, que descobri a Doutora Vanda Magalhães Leitão que além de professora da UFC é também Coordenadora da Secretaria de Acessibilidade da Instituição, lidando diretamente e diariamente com o público surdo dentro da Universidade. Então a procurei para conversar a respeito de meu tema e ver se ela podia me ajudar de alguma forma, inclusive cogitando a possibilidade de ela me orientar durante a pesquisa do TCC. Ela foi muito solícita se dispondo a ajudar no que fosse preciso, mas me instruindo de que provavelmente eu precisaria trabalhar algo relacionado ao audiovisual e nisso ela não saberia como contribuir. Foi nesse momento que percebi que precisava realmente realizar algo relacionado à minha área de formação. Não era só pesquisar e escrever, tinha que ser algo que falasse da minha graduação de alguma forma. Mesmo assim a professora Vanda, me indicou a leitura de Oliver Sacks (1998), **Vendo Vozes, Uma Viagem ao Mundo dos Surdos**, como início de um aprofundamento na temática surda.

Prosseguindo com a pesquisa, encontrei em outra dissertação, dessa vez da Universidade Estadual do Ceará, **Cinema Acessível para Pessoas com Deficiência Visual: A Audiodescrição de O Grão de Petrus Cariry** (BRAGA, Klístenes, 2011), o nome da Doutora em Letras Vera Lúcia Santiago Araújo³ e descobri que ela é especialista na área de Legendagem Audiovisual para surdos e ensurdecidos⁴ e em Audiodescrição, coordenando até o ano de 2015 o Laboratório de Tradução Audiovisual (Latav) na UECE, desenvolvendo projetos de extensão nessa área.

Então, após ler um pouco do trabalho da Doutora Vera Araújo, entrei em contato com ela por *email* e marcamos um encontro no Latav para que eu lhe explicasse o que gostaria de pesquisar e com isso, saber se ela poderia me ajudar com alguma orientação. No Laboratório, vi alguns estudantes escrevendo roteiros de audiodescrição e outros redigindo legendas. Nesse momento eu já sabia que existiam regras para esses dois

² Citei todas elas ao final deste Memorial visto que nem todas são pertinentes dentro do corpo do texto.

³ Currículo *Lattes* <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4708055E6>

⁴ Que não nasceu surdo e, portanto, tem o português como língua nativa, mas ficou surdo depois.

processos que facilitavam o entendimento pelo público cego e surdo ou ensurdecido e achava fascinante que existissem ali pessoas preocupadas com a questão da acessibilidade no meio audiovisual. Minha conversa com a Doutora foi nesse ponto. Tinha decidido que gostaria de falar de acessibilidade no audiovisual para cegos e surdos e precisava saber por onde começar. Logo ela me esclareceu que eu precisaria me decidir por legendagem ou audiodescrição visto que ambos tinham uma vasta bibliografia disponível para pesquisa e isso tornaria o meu trabalho muito maior que uma monografia. Como já vinha lendo a respeito da cultura surda e criando um afeto pelo tema, disse que preferia que a pesquisa se desse por esse caminho. Então a doutora me advertiu que eu só encontraria publicações relacionadas a essa temática em língua inglesa e percebi que esse motivo dificultaria muito o meu trabalho já que não sou fluente em nenhuma outra língua e não possuía recursos para possibilitar a tradução de todo conteúdo que necessitasse. Nesse momento fiquei abalada e pensando sobre o que eu poderia fazer que não fugisse do meu interesse inicial.

O fato de não poder pesquisar o que pensei a princípio me desestabilizou um pouco e fiquei novamente com a sensação de que não tinha um tema para o meu TCC. Cheguei a procurar bibliografia a respeito do tema e de fato, não havia. Na própria biblioteca do Centro de Humanidades da UFC existiam pouquíssimos livros a respeito e em geral, apenas na área de educação. O que existe de conteúdo relacionado à legendagem está nas monografias e dissertações orientadas pela doutora na UECE. Ou seja, não serviria de embasamento para uma monografia se eu não conseguisse ler as referências usadas: livros publicados em inglês.

Nesse período, por ter que apresentar um Projeto de Pesquisa ao fim da disciplina de Elaboração de projetos de pesquisa, fiquei pensando muito a respeito do que eu poderia fazer que envolvesse audiovisual e o mundo surdo. Num dado momento cheguei à conclusão de que gostaria de fazer um ensaio fotográfico ou uma oficina de fotografia mais exposição apenas para pessoas surdas e falar um pouco dessa experiência, da relação dos surdos com a imagem e já pensando em possíveis orientadores nesse caso. Cheguei a conversar com as professoras orientadoras da disciplina e lembro-me de parecer empolgada por ter encontrado algo de que gostasse. Mas, algum tempo depois, a dúvida surgiu novamente porque por mais que eu gostasse de fotografia, não sentia que isso teria a força que eu esperava que tivesse e que era algo que eu poderia propor independente do trabalho de conclusão.

Assim, vendo mais filmes que falam sobre personagens surdos e percebendo que me tocavam de alguma forma, imaginei que eu poderia escrever um roteiro de curta que também falasse sobre eles, junto a uma monografia que relacionasse o tema “Surdos” e a pesquisa sobre roteiro, isso porque essa é a área que me identifico no audiovisual e é a área que gostaria de me firmar profissionalmente. Apresentei o Projeto de pesquisa seguindo essa última ideia. Acho que os colegas de sala pareceram confusos com essa mudança já que só haviam visto meu interesse inicial de tema que fora uma apresentação bem mais empolgada e fundamentada. O semestre acabou e eu havia cumprido mais uma etapa.

Durante as férias, tentei pesquisar mais e ler a respeito, procurei livros de roteiro, li, mas tinha uma insegurança. Não sabia se teria capacidade suficiente para escrever um roteiro que realmente dissesse do mundo surdo, algo que fizesse com que o público compreendesse do que se trata, que estimulasse uma empatia no espectador. Creio que tinha pretensões superiores à minha experiência. Embora goste de roteiro, só havia escrito para disciplinas e nunca eles haviam sido gravados, então não saberia dizer se funcionavam. Fiquei em crise por não saber mais de que forma abordar esse tema, chegando a cogitar mudá-lo. Por tudo isso, resolvi que não arriscaria me matricular em TCC no semestre seguinte. Eu não tinha nenhuma certeza e corria o risco de me prejudicar muito se o fizesse dessa forma. Aproveitei o semestre para adiantar o número de disciplinas já que estava atrasada em relação ao ano de conclusão do curso e para espalhar de toda aquela cobrança que vinha me fazendo no semestre anterior, para só no final, pensar novamente na pesquisa do TCC já que queria fazer no primeiro semestre do ano seguinte.

Houve greve durante o semestre e isso fez com que ele se alongasse até o ano seguinte (2016). Por esse motivo, fiquei sem o tempo necessário previsto para iniciar a pesquisa, o período de férias de dezembro a fevereiro que são as mais longas do ano letivo. Eu gostaria de ter pesquisado algo para novamente fechar um tema e assim definir quem seria meu (minha) orientador (a), mas não aconteceu. A minha única certeza era ainda querer falar sobre os surdos e a falta de acessibilidade no meio audiovisual, especialmente por não conter janelas de Libras em produtos como novelas, programas de entretenimento, de jornalismo e filmes, mas eu sabia que a falta de bibliografia poderia ser um problema para a escrita de uma monografia.

No início do período letivo defini que gostaria de ter como orientador (a) alguém de dentro do curso de Cinema, por ter percebido que seria melhor, visto que precisava incluir uma relação com minha formação nessa pesquisa, embora soubesse que os meus professores não tinham qualquer relação com a acessibilidade em pesquisas anteriores. Assim, eu teria de unir o meu conhecimento recente sobre o assunto com base em todas as leituras que fiz e a experiência no curso de Libras, ao conhecimento de um professor na área do Cinema.

A partir daí, junto à minha orientadora, professora Daniela Dumaresq, decidi realizar um documentário. Mas por que um documentário? Eu nunca cogitei realizar uma obra como Trabalho de conclusão de curso porque não acredito que tenha habilidades com Direção e isso é exigido. Direção não é uma área que tinha interesse. Mas, no caso do documentário, imaginei que seria mais tranquilo de fazer por não ter que lidar com atores e para isso precisava entender de encenação. Penso que a Direção no caso do documentário seja diferente por não ser focado em direção de atores. Claro que existem grandes responsabilidades e maneiras diversas de desenvolver um documentário e temos que encontrar aquela que acreditamos ser a melhor. E percebi nessa possibilidade uma forma de falar do tema que queria, sem a exigência de uma bibliografia especializada existente apenas em língua estrangeira.

Com a produção de um documentário, é necessário realizar uma pesquisa sobre o tema. E ao final de tudo, a escrita de um memorial sobre esse processo (que nesse caso, é este memorial). Dessa forma, resolvi me arriscar a fazer pela primeira vez um documentário para falar um pouco sobre esse tema que acho tão importante ser discutido no meio audiovisual.

1. Acessibilidade no Audiovisual

Não é de hoje que existem dificuldades de acesso ao conteúdo audiovisual por pessoas com alguma diferença⁵. As leis exigem direitos, mas ficam apenas no papel. Parece que tivemos um avanço, comemoramos e aí regredimos. Como isso é possível? É possível, porque há diversos interesses envolvidos e nem sempre aquele que é o mais interessado no debate é realmente ouvido. O registro disso pode ser encontrado no livro

⁵ Prefiro usar esse termo à “deficiência”, pois minha vivência com pessoas assim, me ensinou que não existe nelas uma deficiência, mas uma diferença que a caracteriza e isso é uma particularidade dela que faz com que ela perceba o mundo de outra forma, mas não que seja prejudicada por isso.

Audiodescrição, Transformando Imagens em Palavras (FILHO, Paulo Romeu e MOTTA, Livia, org. 2010) que usei como referência também para compreender sobre a audiodescrição, ainda no início da pesquisa quando não havia feito o recorte pela surdez.

Neste livro há um capítulo dedicado ao relato do andamento de processos legislativos relacionados à acessibilidade na comunicação e em especial na televisão brasileira. Ele se intitula **Políticas Públicas de Acessibilidade para pessoas com deficiência** e selecionei alguns trechos representativos das conquistas e retrocessos presentes no processo de constituição dessa lei, que compõem as seguintes imagens:

Figura 1

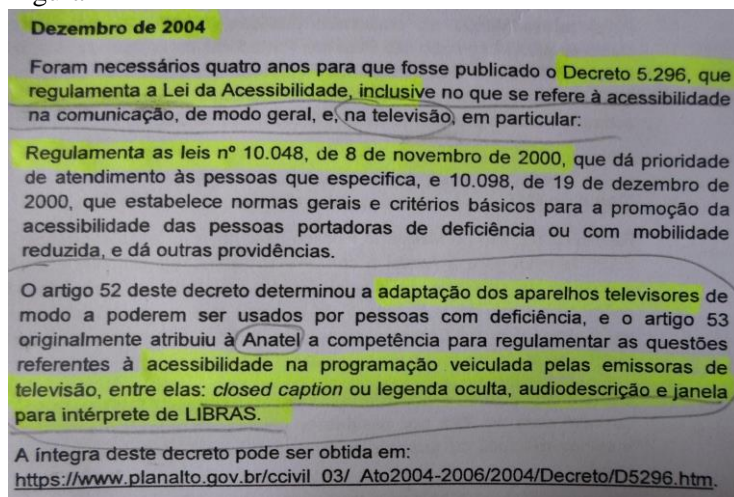


Figura 2

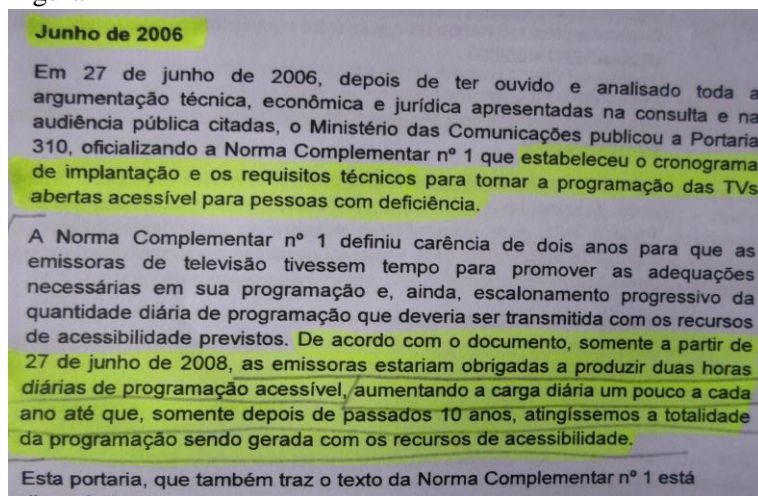
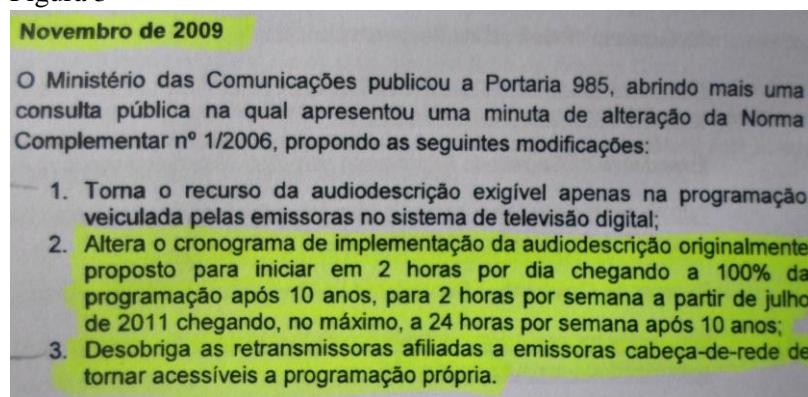


Figura 3



É por esse motivo que após decidir por realizar um documentário, pensava em focar na relação de pessoas surdas com a tevê. Porque ela ainda é o meio mais barato e mais comum de as pessoas terem acesso às informações cotidianas: notícias, entretenimento; filmes, novelas, séries, musicais, receitas, beleza, trânsito, saúde etc e mesmo a disponibilização do recurso de legendas ocultas (*closed caption*), não é suficiente para torná-la de fato acessível. Quando se trata de um programa gravado, a legenda está sincronizada. O problema da legenda na tevê é a falta de sincronia com aquilo que se fala, em programas ao vivo. Existe um atraso na legenda, que varia de emissora para emissora, e às vezes do conteúdo abordado, visto a dificuldade para digitar alguns termos e a agilidade do profissional que faz essa transcrição. Além disso, por se tratar de algo muito veloz, é comum a grafia errada de palavras. Isso confunde e atrasa a leitura, fazendo com que a informação se perca ou fique incompleta. Nesse último ponto é complicado pensar formas de melhoria, pois se tratam de seres humanos e somos passíveis de erro.

No entanto, outro recurso que pode transmitir essa informação de forma mais exata é a janela de Libras que deveria também estar disponível para o público surdo. Mas as emissoras impõem muitas dificuldades quando consultadas a respeito. É fundamental que exista a janela de libras na programação da tevê. Assim, mesmo os surdos que ainda não sejam letrados, podem compreender as falas e acessar o mínimo de informação possível cotidianamente, sobre a cidade, o país, o próprio bairro. Para isso, é preciso que o governo por meio de lei, exija a inclusão da janela de Libras durante a programação televisiva.

Existem outras mudanças necessárias para as quais os empresários do setor não se deram conta. As legendas da própria programação com nomes dos entrevistados ou repórteres, telefones de contato, chamadas dos programas, tudo isso está disposto na parte inferior da tela, da mesma forma que as legendas. Assim, quando ativamos a legenda não vemos essas informações. Elas são parte do sentido do conteúdo transmitido, por isso não podem ficar encobertas. A forma mais simples de resolver essa questão é dispondo essas informações na parte superior da tela, fazendo com que o surdo possa ver as duas informações e compreender de modo mais completo o que se passa. Para muitos, poderia ficar estranha essa disposição devido ao costume com o modelo atual. A própria televisão pode alegar que isso cobriria outras informações da imagem na tela. Contudo se faz necessário.

Existem outras possibilidades de fazer obras audiovisuais que contemplariam essas dificuldades e necessidades, melhor que isso seria aderir à janela de Libras que tem suas regulamentações, que pode, como a legenda fechada, ser ativada ou não e incluiria muito mais a população surda no contexto das informações e da produção audiovisual do país. Assim não dependeriam somente de parentes ou amigos para traduzir-lhes o que é sonoro, e teriam uma autonomia nesse ponto. Por essa série de dificuldades para acesso ao conteúdo televisivo, muitos surdos simplesmente ignoram os acontecimentos cotidianos e vivem de forma totalmente apartada da sociedade, o que é um prejuízo para a sua vida.

Para além da tevê, existem outros meios audiovisuais que também precisam ser acessíveis para esse público. A internet, que disponibiliza hoje muito do conteúdo: notícias, reportagens, filmes, séries, entretenimento, é um meio abrangente e que cada vez chega a mais pessoas com a facilidade de uma conexão *wifi*, presente em muitos locais públicos e privados de modo aberto, independente de se ter o acesso em casa ou através do chip de uma operadora de telefonia móvel, a um custo mais baixo. Existem softwares desenvolvidos para tornar esse conteúdo acessível a surdos, mas eles ainda precisam de melhorias para atender totalmente a essa necessidade, pois como tudo que está em processo de implementação, há falhas não identificadas antes, que vão sendo resolvidas aos poucos, de acordo com o uso e o relato desses erros pelos usuários.

Mas, além disso, existem também programas e mesmo *webtv*⁶ acessível ao público surdo e isso é um avanço. Ainda é preciso que esse tipo de informação chegue aos surdos, pois infelizmente nem todos sabem, nem todos usufruem de todas as possibilidades da *internet*, e não é por falta de interesse, mas por não terem sido instruídos da existência dessas ferramentas. Isso se dá muitas vezes porque a família não sabe, às vezes não compreende totalmente a condição do filho ou parente e sem querer, lhe priva desse conhecimento e conseqüentemente do crescimento enquanto um ser independente, acabando por tardiamente descobrir um mundo de possibilidades.

E o Cinema! O Cinema da sala de projeção, das ruas, dos shoppings centers ou dos Centros Culturais, este também não tem sido acessível ao público surdo. Muito raro em ações pontuais, ocorrem sessões acessíveis com a presença de interpretes, com legendas nem sempre específicas e às vezes com janela de Libras. Alguns surdos vão ao Cinema, geralmente em grupos. E o que existe lá? Uma legenda tradicional em português em um filme estrangeiro legendado. Só se vai ao Cinema acompanhado de um ouvinte bilíngue⁷, que interpreta o que se não entende, isso quando eles são letrados⁸, ou em outro caso quando há a companhia de um intérprete⁹. Além disso, raramente eles vão assistir a filmes nacionais já que não existe legenda.

Parece existir pouco ou nenhum interesse em tornar o Cinema acessível. Com exceção das pessoas com alguma diferença que procuram promover sessões, festivais para esse público. As ações de garantia da acessibilidade são realmente bem pequenas, quando se encontra um realizador sensível a essas questões ou organizadores de Mostras e Festivais, que entendem a necessidade de contar com audiodescritores e interpretes durante as sessões. Na área acadêmica, esses profissionais colaboram com pesquisas a respeito e desenvolvem projetos que possibilitam essa acessibilidade.

Só mais recentemente a Ancine resolveu exigir recursos de acessibilidade para produtos audiovisuais realizados com recursos de leis de incentivo e também adequação

⁶ <http://tvines.com.br/>

⁷ Aqui me refiro ao bilinguismo dos falantes em Português e Libras.

⁸ Nem todos os surdos têm acesso ao ensino do Português porque para isso eles precisam do Sistema bimodal de ensino em que a Libras e o Português são ensinados juntos, sendo a Libras a primeira língua e o português a segunda língua do surdo. Muitos deles aprendem a Libras de forma independente, com amigos, em associações e como entre eles essa é a forma de se comunicar, não veem necessidade do Português imediatamente ou não encontram onde possa ter esse tipo de ensino.

⁹ Isso acontece em geral quando grupos ou associações de surdos promovem essa ação.

das salas de Cinema do país às necessidades das pessoas com deficiência. Existe um estudo da Agência, a respeito do tema, longo e detalhado para esclarecer os exibidores porque essas mudanças são necessárias, e como implementá-las em suas salas e complexos de Cinema. Mesmo assim, não há dados sobre a demanda desse público específico em todo o país e sobre o número de salas que já possuem recursos de acessibilidade.

Por esse motivo, muitos surdos relatam não ter o hábito de ir ao Cinema. Como, se não vão conseguir entender? Alguns nunca foram. E quando perguntados se gostariam de ir caso fosse acessível, eles respondem: “*Sim, sim, por favor!*” Por isso meu trabalho não seguiu apenas pela pesquisa sobre a tevê. Com a ajuda de minha orientadora, percebi que poderia abranger todos os meios audiovisuais no processo de feitura do documentário. E foi dessa forma que estabeleci quais seriam as perguntas, quem seriam meus entrevistados e o que mais eu poderia utilizar de recursos na montagem do filme.

2. Sobre o documentário

A escolha pela realização do documentário como dito antes, se deu pela possibilidade de inserir nele aquilo que penso a respeito da falta de acessibilidade nos meios audiovisuais. Com essa escolha, pude contar com uma pesquisadora que atua nessa área e com os próprios sujeitos surdos que sentem a falta de recursos. “O documentarista frequentemente se assemelha ao orador de antigamente em seu esforço de abordar assuntos ou problemas que clamam por consenso ou solução social” (NICHOLS, Bill, p.24, 2005).

Assim, com base em leituras que realizei sobre documentários, escolhi realizar entrevistas direcionadas com surdos e explorar as suas experiências relacionadas ao tema. Na montagem, pretendia alternar as falas dos entrevistados, entrecortando cartelas informativas. São exemplos de alguns dos filmes que tenho como referência: **Bichas, o documentário** (Marlon Parente, 2016) que une depoimentos de vários jovens gays sobre suas vidas e de que modo ela é afetada pela sua sexualidade, montados de forma alternada levando em conta o sentimento presente em suas falas: ora existe um deboche das reações de outras pessoas a condição deles, ora existe uma tristeza por esse tratamento hostil, **O Complexo de Vira-latas** (Leandro Caproni, 2014) que une profissionais de várias áreas, historiadores, sociólogos, psicólogos, jornalistas para falar

sobre essa característica do brasileiro de menosprezar a si próprio e ao que vem do nosso país e **Viva, Maria, Viva!** (Caroline Monteiro, 2016) que une os relatos de mulheres na terceira idade, solteiras ou em novos relacionamentos sobre os seus casamentos anteriores e as mudanças na vida após a separação ou morte do cônjuge. Sobre a presença da entrevista no filme documentário Bill Nichols diz:

A entrevista permite que o cineasta se dirija formalmente às pessoas que aparecem no filme em vez de dirigir-se ao público por comentário voz-over. No documentário participativo, a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre cineasta e tema. [...]. Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem. (p.159-160, Ibidem)

A opção por fazer entrevistas nesse filme vem justamente da vontade de permitir que os personagens falem a respeito do que sentem em relação ao tema em questão e a partir disso entender de que forma eles são abalados ou não por isso. E, com a “tecedura” daquilo que considero pertinente, defino quais trechos melhor indicam o que considero importante trazer da cultura surda na obra. Ressalto a realização da pesquisa participativa como fundamental para o resultado deste trabalho, que levou em conta o modelo de documentário participativo acima citado por Nichols. Dentro desta modalidade fiz a escolha pela representação social (não-ficção) descrita abaixo pelo autor:

Os documentários de representação social [...] representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. [...]. Proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (p.26-27, Ibidem)

A realização documental implica muitas questões. Questões técnicas: escolha do enquadramento na fotografia e de que tipo de equipamento usar. A depender do tamanho da equipe, um realizador pode fazê-lo de forma totalmente independente com uma câmera pequena e microfone acoplado a ela ou, contando com uma equipe grande, usar outros equipamentos necessários, contando com maior infraestrutura; carros com

motorista, fotômetro, rebatedores, microfones lapela para entrevistas, um processo de edição e finalização mais cuidadoso.

Já na definição da trilha sonora, pergunta-se da necessidade de ruído ou não no ambiente, entre outras questões. Onde é melhor gravar levando em consideração luz e som? Existem pessoas de alguma forma atrapalhando a gravação? Como fazer? E existem as questões éticas: Devo entrar na casa do entrevistado se não o conheço? Em que lugar dentro da casa é aceitável fazer a gravação? Devo mudar coisas de lugar no espaço onde vou gravar? E a roupa do entrevistado, devo sugerir algo? É uma série de perguntas que nos fazemos no momento da pré-produção e produção.

No caso desse filme, os entrevistados estão sempre no terço do quadro compondo o plano áureo por ser esteticamente mais harmonioso. E, os entrevistados surdos, estão em plano médio e em alguns casos em um plano mais aberto, porque precisam do espaço em torno do tronco e cabeça, para sinalizar. Se não fosse dessa forma, perderíamos alguns sinais e prejudicaria toda a compreensão do que eles dizem. O enquadramento não é só uma questão estética, mas também uma necessidade.

O corpo do surdo expressa sua relação com o mundo. Sua fala está em sua gestualidade. Esse enquadramento permite que possamos ver toda a sua sinalização além da expressão facial. O seu corpo fala e não haveria outra forma de trazer suas experiências para a tela. Dessa forma, o documentário contemporâneo é o que melhor diz dessa presença dos personagens no quadro, como cita Fernão Ramos em sua análise dos filmes *Jogo de Cena*, de Eduardo Coutinho (2007) e *Santiago*, de João Moreira Sales (2007):

O corpo do ator, ou da pessoa, carrega uma camada de densidade psíquica que chamamos “personalidade”. Conforme a densidade aumenta na atuação face à câmera, a camada da personalidade condensa-se, destaca-se, e afirma-se em personagem. O cinema documentário contemporâneo possui particular atração pela camada de gordura da atuação que exala do corpo exibindo-se, mostrando-se, para o sujeito-da-câmera. Descobrir uma personalidade fotogênica significa encontrar uma personagem que saiba interagir com a circunstância da tomada e sustentar o afeto por meio do olhar lançado, pela câmera, para o espectador; alguém que possua uma história de vida que embase esse olhar pela fala e pelos gestos, dando corpo à trama ou à enunciação assertiva. Densa de personalidade, a personagem move-se, age, atravessa a cena fílmica. (RAMOS, Fernão, *A mise-en-scène do documentário: Eduardo Coutinho e João Moreira Sales* in <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/8/2>, 2012)

Eu particularmente fiquei mais preocupada com as questões técnicas (enquadramento, som, luminosidade do ambiente) do que necessariamente com as

questões éticas. Não porque eu não me importasse, mas porque muita coisa estava resolvida na “minha cabeça”. Quer dizer, em nenhum momento cogitei interferir na forma como o entrevistado se produziria para a entrevista, no máximo pedi que alguém enxugasse o suor de um dos entrevistados. Queria que eles ficassem o mais à vontade possível em uma situação que pode ser desconfortável como ter uma equipe de gravação entrevistando-os e que se apresentassem da forma que gostariam de estar no vídeo, trazendo marcas de suas personalidades. Costumava dizer se ficariam sentados ou em pé, algo que dependia dos móveis de que dispúnhamos e também de como eles ficavam mais à vontade para conceder a entrevista, e dava indicações de onde eles deviam se posicionar em relação à câmera, definindo o enquadramento. Nós escolhíamos o espaço com iluminação mais adequada no ambiente em que estávamos e mais limpo visualmente para dar destaque ao entrevistado e também o menos ruidoso. Sobre os personagens do documentário e a importância que suas falas têm para a construção do filme, Comolli diz:

Esses homens ou essas mulheres que nós filmamos, que nessa relação aceitaram entrar, nela irão interferir e para ela transferir, com sua singularidade, tudo o que trazem consigo de determinações e de dificuldades, de gravidade e de graça, de sua sombra – que, com eles, não será reduzida –, tudo o que a experiência de vida neles terá modelado... Concomitantemente, alguma coisa da complexidade e da opacidade das sociedades e alguma coisa da exceção irremediável de uma vida. Isto quer dizer que nós filmamos também algo que não é visível, filmável, não é feito para o filme, não está ao nosso alcance, mas que está aqui com o resto, dissimulado pela própria luz ou cegado por ela, ao lado do visível, sob ele, fora do campo, fora da imagem, mas presente nos corpos e entre eles, nas palavras e entre elas, em todo o tecido que a máquina cinematográfica [...] trama. Filmar os homens reais no mundo real significa estar às voltas com a desordem das vidas, com o indecível dos acontecimentos do mundo, com aquilo que do real se obstina em enganar as previsões. Impossibilidade do roteiro. Necessidade do documentário. (COMOLLI, 2008, p.176).

3. Pesquisa de personagens e gravações

Encontrei várias dificuldades no processo de realização deste documentário. Algumas até previsíveis como a falta de recursos financeiros para custear as despesas com a equipe, que foi algo que atrasou o início das gravações. E outras não tanto assim. Quando decidi que faria um filme documentário, imaginei quem eu poderia entrevistar,

que precisaria de profissionais intérpretes para me acompanhar durante as entrevistas e também que seria necessário incluir recursos acessíveis no meu filme: janelas de Libras e tradução em áudio¹⁰, já que optei pelo intérprete não aparecer no quadro fazendo a tradução.

Dessa forma, imaginava que a Universidade por meio da Secretaria de Acessibilidade poderia me ajudar com as janelas e a tradução, mesmo que fizessem apenas a tradução e transcrição da fala do surdo e eu providenciasse a gravação com um ator, e também com a disponibilização de um intérprete para me acompanhar durante as gravações, fazendo o intermédio entre mim e o entrevistado, já que não sou fluente em Libras. Mas infelizmente isso não foi possível. Tivemos que conseguir intérpretes por conta própria que aceitassem ser voluntários já que o filme não possui nenhum investimento financeiro para arcar com esse custo e tivessem disponibilidade para gravar nos dias programados. E, da mesma forma foi necessário conseguir intérpretes para a gravação da tradução em áudio e janelas de Libras para inserção no filme.

Além disso, a aproximação dos possíveis personagens também foi complicada. Eu não possuo parente e nem amigos surdos e não sou fluente na Língua brasileira de sinais. O único contato que tive até antes do filme com pessoas surdas foi no curso de Libras e apenas com os professores e justo no semestre de gravação do documentário, perdi minha matrícula no módulo seguinte do curso por uma informação que me foi passada errada. Por esse motivo, além de não ter contato com os surdos do Creaece, eu não tinha contato com os intérpretes e fiquei sem praticar a Libras, o que prejudicou muito a minha comunicação com os surdos. Fiquei totalmente dependente de intérpretes porque por mais que eu tivesse aprendido um pouco para me comunicar, a falta de prática como em qualquer língua, faz com que esqueçamos coisas ou lembremo-nos de forma mais lenta.

Então decidi ir às reuniões de uma Associação em Fortaleza porque segundo suas publicações no grupo do *Facebook*, havia um intérprete nelas e tanto surdos como ouvintes eram convidados a participar. As reuniões eram semanais e participei de todas que pude no objetivo de conseguir possíveis personagens para o filme; isso foi algo que esclareci logo no primeiro encontro ao Presidente da Associação e aos que estavam presentes nesse dia. O problema era que nem sempre tinha intérprete e por não poder

¹⁰ Para traduzir ao público ouvinte aquilo que o entrevistado surdo diz.

ficar tomando o tempo da reunião, demorou para que eu conseguisse finalmente agendar as entrevistas com as pessoas. Isso para mim foi uma dificuldade porque nunca parecia que estava suficientemente claro para o entrevistado o que eu queria e não tinha como manter contato com eles no sentido de me aproximar. Até porque com o atraso que tive pela dificuldade de comunicação e outras questões, inclusive as anteriormente citadas, eu já estava no prazo limite para iniciar as gravações e tive de fazer dessa forma. Mas, o bom depois de tudo isso foi que a intérprete que nos acompanhou, conseguiu esclarecer aos entrevistados, o que eu gostaria de saber deles, por que eu estava fazendo esse trabalho, das dificuldades que tive na comunicação, enfim deu certo.

Se o meu assunto é a realidade, não estou isento dela e nem ela está isenta de mim. Neste exercício da reciprocidade, da generosidade da entrega, vários graus de subjetividade estão interagindo entre si. A questão não é objetivar o olhar diante da realidade, mas mesclar sua subjetividade com a subjetividade do outro. (GUIMARÃES, Cao, Documentário e subjetividade, Uma rua de mão dupla *in* Doc: Expressão e Transformação, 2007)

Após as gravações das entrevistas, precisava gravar os recursos de acessibilidade para o documentário: janela de Libras e tradução em áudio. Para isso, eram necessários intérpretes também. Tive dificuldade porque a intérprete que me auxiliou durante as entrevistas, não estava mais disponível no período em que precisei gravar. A demora em chegar a alguém que tivesse disponibilidade e interesse de trabalhar de forma voluntária, atrasou o processo de edição e montagem do filme, já que especialmente no caso das entrevistas com surdos, eu não sabia exatamente o que eles diziam e por isso não era possível ir cortando¹¹ o material bruto. Depois de um longo período de incerteza se conseguiria esses intérpretes a tempo, conseguimos no final do semestre, já bem próximo à data de exibição do primeiro corte do filme, duas intérpretes. Uma para as janelas e outra para os áudios em português (tradução). Foi corrido, mas depois disso e da tristeza que senti pela dúvida se conseguiria concluir a tempo com todo esse atraso, finalmente passamos à montagem.

4. Montagem

A montagem a princípio, eu faria com a ajuda de um dos editores da equipe. Mas, por conta do período de trabalhos finais e proximidade das férias, nenhum deles

¹¹ Na linguagem audiovisual, em se tratando de edição, cortar significa tirar as partes não interessantes para o filme e ajustar aquelas que interessam.

pode me ajudar. Foi aí que tive a ideia de convidar a Luana Sampaio para me ajudar nesse trabalho, por sua habilidade na montagem na realização de seus trabalhos nesse campo, que foram elogiados por professores. Ela aceitou e nós realizamos a montagem com pouquíssimo tempo para a apresentação. Tivemos receio de que não funcionasse por conta da pressa, mas surgiram muitas ideias. Eu já havia pensado formas para a montagem desta obra, a partir de referências baseadas em alguns filmes que assisti e levando em conta o que eu havia captado. A partir do seu olhar externo ao filme, Luana nos trouxe algumas possibilidades que pareciam dar força ao filme, com as quais fiquei empolgada. Apesar de saber que talvez levasse mais tempo para conseguir concretizar a montagem do documentário, era estimulante pensar que ele poderia de fato, ficar de uma forma que eu me orgulhasse de exibir.

Tínhamos muitas dúvidas e fomos testando aquilo em que pensávamos. Era difícil pois não conseguíamos um distanciamento da obra para que pudéssemos pensar mais a respeito da montagem e testar todas as possibilidades. O fato de eu não ter como editar em casa, me impedia de desenvolver a intimidade necessária e o desenvolvimento da etapa de decupagem, com os meus arquivos para elaborar uma narrativa audiovisual.

Por indicação da Luana, revi as entrevistas e anotei os trechos que considerava importante para o filme, levando em conta uma linha temática e organizando os cliques dessa forma. Assim, parecendo ter encontrado a forma de montagem, fizemos um primeiro corte, faltando inserções que faríamos posteriormente e enviamos para que a orientadora pudesse ver e dar um retorno para fazer os ajustes necessários.

Após minha orientadora ver a montagem e me reportar suas colocações, percebi que cometera um erro ao fazer a montagem de uma forma dinâmica, com trechos curtos de entrevistas alternando com trechos de filmes exemplificando o que os entrevistados diziam, assim como eu havia pensado a princípio para a montagem como citado aqui. Eu havia sido muito objetiva nessa montagem e por isso ela não caberia ao Cinema. Foi triste pensar que tanto trabalho em nada se aproveitava. Cheguei a pensar que teria que adiar a apresentação do filme por conta desse retorno preocupante. Mas, ele não veio gratuitamente. Eu precisava entender que realmente não estava bom para o objetivo que almejei, embora eu tivesse certeza disso anteriormente. E aceitando essa constatação, pude ir adiante e reiniciar a montagem. Dessa vez, acompanhada de perto pela minha orientadora durante toda a semana anterior à exibição.

Trouxe mais dos personagens ao filme: suas vivências, aprendizados, gostos e desejos, mostrando dessa forma o que eles têm em comum e o que têm de diferenças. Como por exemplo, a apresentação de cada um que a princípio não entraria na montagem, mas que traz uma característica importante dos surdos, citada no início deste memorial, que é o seu sinal, aquilo que os identifica em meio a toda a comunidade surda.

Os trechos de obras audiovisuais diversas, todas brasileiras, e não apenas o Cinema, exemplificando tudo a que os surdos precisam ter acesso, até para dizer com certeza se gostam ou não, já que nem sempre apenas as imagens dizem tudo de uma obra. Testamos inserções de cenas de filmes com e sem som ou com corte brusco no som.

Assistimos às entrevistas dos surdos com o áudio da intérprete e sem o áudio, com a legenda. Foi inclusive cogitado deixar um trecho das entrevistas sem nenhum recurso de tradução para que o público ouvinte, experimentasse a dificuldade que o público surdo enfrenta.

Tive receio em colocar qualquer informação de maneira inacessível a quem quer que fosse o público e principalmente por desejar que o público ouvinte veja e entenda o filme já que muitos dos profissionais que atuam no audiovisual e podem mudar a realidade da inacessibilidade dos produtos, são ouvintes.

Após fazermos algumas montagens e ajustes diversos, optamos por não usar o áudio da intérprete durante as entrevistas com surdos por ser uma única voz para cinco pessoas diferentes e não dar a devida caracterização de cada um. Por esse motivo foi preciso adicionar legendas para essas entrevistas e isso demandou um maior tempo.

Toda a parte de tradução do filme está focada, a princípio para surdos sinalizados e ouvintes. Surdos sinalizados porque a fluência em Libras torna o aprendizado e desenvolvimento da pessoa, que nasce surda, melhores.

Posteriormente desejo que estejam disponíveis também no filme, legendas para surdos não sinalizados. Pois ainda é uma necessidade e eles também fazem parte do público surdo que vê audiovisual e não foi possível dispor desse recurso de imediato porque é um processo que demanda um tempo maior. E, para que seja uma obra ideal em acessibilidade, a inserção de áudio em português (tradução) das entrevistas com os

surdos, já que a princípio não foi possível utilizar o áudio gravado para esse fim por questões técnicas, e da audiodescrição para os cegos.

O filme inicia com uma trilha sonora de algumas cenas de filmes brasileiros em volume muito alto com intuito de causar incômodo no espectador ouvinte. E após o título do filme, todo o áudio é suprimido. O espectador ouve apenas a reverberação do ruído anterior em si mesmo. A imagem posterior ao título sugere que alguém liga a tevê e passa os canais de emissoras brasileiras, e depois a desliga.

O documentário inicia-se com a apresentação de cada entrevistado, por meio da datilologia¹² e do seu sinal em completo silêncio. As falas seguem na mesma ordem em que eles foram apresentados, trazendo nas entrevistas suas relações com a família, as atividades que fazem no cotidiano, o que gostam de fazer para divertir-se e a relação com a produção audiovisual a partir de suas implicações.

Entre as entrevistas, existe a fala da professora Vera Araújo, especialista em tradução audiovisual acessível, que vem esclarecer o direito à acessibilidade dos surdos e fazer com que o espectador entenda que existem profissionais atuando nessa área e que é algo concreto, não apenas um desejo distante de mundo ideal, sendo um tema determinado em lei, como citei na introdução.

Durante a fala da professora, um trecho de filme contendo os recursos necessários de acessibilidade, é inserido para ilustrar o que ela diz. Na última entrevista, Mizael, um dos mais comunicativos entre os entrevistados conclui dizendo: *“Precisa ter Libras para os surdos poderem ver os filmes. Por exemplo, esse filme, tem Libras porque tem o Mizael!”* E em seguida, os créditos surgem na tela, acompanhados pelo trecho do videoclipe da música Zeit da banda Scracho em que a música é sinalizada. O videoclipe é um exemplo de obra audiovisual acessível, pois além de incluir Libras e música no vídeo, conta com a encenação através de um ator, do que a música diz, expressando a emoção que se quer passar e faz uso de vários planos para isso, deixando-o dinâmico como costuma ser um videoclipe.

5. Conclusão

¹² Na linguagem audiovisual, em se tratando de edição, cortar significa tirar as partes não interessantes para o filme e ajustar aquelas que interessam.

É com orgulho que concluo esse trabalho. Existe uma felicidade em fazer aquilo em que se acredita e saber que isso pode de alguma forma contribuir para a melhoria da vida de alguém. Eu sei que os empecilhos sempre vão existir e aqueles que são contra, mas enquanto houver pessoas interessadas em tornar outras vidas melhores, haverá estímulo para seguir buscando esse ideal. Como diz a música do filme *“Eu não vou parar de querer parar o tempo, de tentar mudar o mundo, de voar por um segundo”*.

Poder contar com uma equipe que entende a necessidade de falar sobre esse tema e que está disposta a ouvir e compreender sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda no Brasil e em especial no que diz respeito aos produtos audiovisuais foi muito bom. É gratificante saber que o fato de eles conhecerem a respeito lhes causa um interesse maior e uma empatia. Por que uma das dificuldades é justamente a falta de conhecimento do assunto. Se você não vê isso em casa, na tevê, no cinema, no teatro e não tem amigos surdos, como você vai saber sobre eles?

Então é preciso democratizar o acesso à informação e entretenimento, além de formação, etc e possibilitar que todos convivam com as diferenças. É dessa maneira que se combate o preconceito. Aos poucos vão surgindo novos recursos de acessibilidade para diferentes meios e vai se cobrando uma maior presença desses recursos nos meios e produtos audiovisuais. É um avanço, mas um avanço que chega tardiamente e sendo assim, é preciso exigir que a implementação dessa regulamentação seja imediata. É preciso não parar de pressionar porque a necessidade é diária. Muitos sofrem com essa exclusão há muito tempo e é triste constatar o quanto isso os prejudica.

O objetivo desse trabalho não era trazer soluções porque elas já existem e muito menos questionar essas soluções porque elas já foram pesquisadas e tiveram sua eficácia comprovadas. O objetivo era trazer essa discussão para a área audiovisual ou reacendê-la, por meio do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará, para que esse trabalho tenha um maior espaço de visibilidade e com isso, estimule o debate tão urgente nesse campo.

O desejo é de que mais realizadores se preocupem que suas obras sejam acessíveis. Inserindo recursos ou criando narrativas de maneira não exclusiva. Que mais profissionais do Audiovisual possam ter contato com o público cego e surdo e compreender suas necessidades, suas inquietações, seus interesses e até mesmo falar sobre eles, não necessariamente de forma documental. Existem várias obras em que

peças com alguma diferença são retratadas de maneira ficcional. Isso traz possibilidades. E, além disso, que mais dessas peças se tornem profissionais do audiovisual porque trarão outras perspectivas do mundo em suas obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMOLLI, J. Sob o risco do real In **Ver e poder: A Inocência Perdida: Cinema, Televisão, Ficção, Documentário**. Belo Horizonte - MG: Editora UFMG, 2008.
- GUIMARÃES, C. Documentário e subjetividade, uma rua de mão dupla In **Doc.: Expressão e Transformação**. Itáu Cultural, 2007.
- LABORIT, E. **O voo da gaivota**. Tradução: Lelita Oliveira. São Paulo – SP: Editora Best Seller, 1994.
- MOTTA, L. e FILHO, P. (org.) **Audiodescrição: Transformando imagens em palavras**. São Paulo – SP: Editora Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.
- MOURÃO, M. e LABAKI, A. (org.). **O Cinema do real**. São Paulo – SP: Editora Cosac Naify, 2005.
- NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas – SP: Editora Papirus, 2005.
- RAMOS, F., **A mise-en-scène do documentário: Eduardo Coutinho e João Moreira Salles**. <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/8/2>
- RAMOS, F., **Mas afinal, o que é documentário?** São Paulo – SP: Editora Senac, 2008.
- SACKS, O. **Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo – SP: Editora Companhia das Letras, 2010.
- BRAGA, K. **Cinema acessível para pessoas com Deficiência visual: a audiodescrição de O Grão de Petrus Cariry**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.
- LEÃO, B. **O dvd acessível do filme Corisco e Dadá – Acessibilidade audiovisual para cegos e surdos**. Relatório do Projeto DVD Acessível, desenvolvido pelo Laboratório de Audiovisual do Centro de Humanidades da UECE, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.
- ROCHA, M. **Surdos e a Televisão Brasileira: um estudo sobre a democratização da informação**. 2007. Projeto de Pesquisa, Curso de Jornalismo UNI-BH, Centro Universitário de Belo Horizonte.
- SOUZA, M. **Voando com gaivotas: Um estudo das interações na educação de surdos**. 2008. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em Educação brasileira da UFC, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

ARAÚJO, V. Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): Um estudo de recepção com surdos da região Sudeste. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/viewFile/69132/71589>> Acesso: 3 de junho de 2016

Guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais. Disponível em: <https://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf> Acesso: 3 de julho de 2016

Relatório de Análise de Impacto sobre acessibilidade no segmento de exibição. Disponível em: <<https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/consultas-publicas/AIR-Acessibilidade-Versao-Ostensiva.pdf>> Acesso: 3 de julho de 2016

FILMES DE REFERÊNCIA

“Bichas, o documentário” (Marlon Parente, 2016)

“Viva, Maria, Viva!” (Caroline Monteiro, 2016)

“O Complexo de Vira-latas” (Leandro Caproni, 2014)